

A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: SUBSÍDIOS AO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

MIRANILDE OLIVEIRA NEVES¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA - Campus Tucuruí

Resumo: É crescente entre pesquisadores de todo o mundo nas últimas décadas, o interesse, especialmente na área da educação, por pesquisas de ordem qualitativa, principalmente no que se refere ao processo de formação continuada de professores. Neste sentido, muitos teóricos têm demonstrado relevante contribuição quanto à construção e ao aperfeiçoamento de teorias sobre as questões que envolvem a organização social e cognitiva dos alunos em sala de aula e o papel do professor como investigador. Bortoni-Ricardo (2011) estudiosa da investigação qualitativa no Brasil, Freire (1997 e 1999) – grande educador e formador brasileiro, García (1999) investigador espanhol da formação de professores, os portugueses Nóvoa (1991, 1992 e 1995) e Alarcão (1993 e 1996), dentre outros, são alguns dos autores que referendam este trabalho e que nos permitem refletir sobre o que o professor tem a ensinar e o que realmente precisa ser aprendido pelo aluno; é, portanto, um dos principais objetivos deste artigo instigar nos professores em formação o desejo de firmar-se como um professor-investigador que questiona criticamente quem está ao seu redor e a si mesmo, para que com ação e reflexão seja capaz de modificar o espaço em que vive.

Palavras-chave: professor-investigador, investigação qualitativa, formação continuada de professores.

RESEARCH IMPORTANCE OF QUALITATIVE IN THE PROCESS OF TEACHERS OF CONTINUING EDUCATION: GRANTS THE EXERCISE OF TEACHING

Abstract: It is growing among researchers around the world in recent decades, interest, especially in the area of education, for research qualitative, especially in respect to the process of continuing education of teachers. In this sense, many theorists have demonstrated outstanding contribution as the construction and improvement of theories

¹ Doutoranda em Ciências da Educação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real – Portugal. Escola de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Educação e Psicologia

about the issues surrounding social and cognitive organization of students in the classroom and the role of the teacher as researcher. Bortoni-Ricardo (2011) studies the qualitative research in Brazil, Freire (1997 and 1999) – Large Brazilian educator and trainer, Garcia (1999) Spanish teacher education researcher, the Portuguese Nóvoa (1991, 1992 and 1995) and Alarcão (1993 and 1996), among others, are some of the authors who endorse this work and that allow us to reflect on what the teacher has to teach and what needs to be learned by the student; is therefore a major goal of this article instill in teachers training in the desire to establish itself as a teacher-researcher who critically question who is around you and yourself, so that with action and reflection is able to modify the space in which they live.

Keywords: teacher-researcher, qualitative research, continuing education of teachers.

Considerações Iniciais

Ler, analisar e pesquisar são três itens que fazem ou pelo menos deveriam fazer parte do cotidiano de qualquer professor e quando se fala em pesquisa, é preciso que sejam considerados alguns fatores, como por exemplo, o tipo de pesquisa que se pretende fazer, por que fazê-la, para quem, com que objetivo e determinar qual o problema a ser investigado.

Partindo do princípio de que a pesquisa, em especial neste trabalho, a pesquisa qualitativa, pode contribuir para a melhoria da qualificação docente, é que se pretende fazer uma reflexão sobre como unir pesquisa e ensino e obter resultados positivos durante o processo de ensino-aprendizagem.

Diferentes autores, com opiniões variadas foram lidos e aqui analisados a respeito do que vem a ser a pesquisa qualitativa e qual a sua importância, qual o conceito de formação, os itens necessários para que a pesquisa alcance seus objetivos, como é feita a seleção dos sujeitos na pesquisa, quais as técnicas de recolha de dados e como estes dados são avaliados, são algumas das reflexões que este artigo se propõe a analisar.

Este texto discute além dos temas já citados, as implicações do conceito de professor-investigador no exercício da profissão e na formação de professores.

É, portanto, um trabalho que não interessa apenas a quem está em formação inicial, mas a qualquer professor em exercício na profissão, afinal

“Ser professor-investigador é, pois, primeiro que tudo ter uma atitude de estar na profissão como intelectual que criticamente questiona e se questiona.
(...) Ser professor-investigador é ser capaz de se organizar para perante uma situação problemática, se questionar intencional e sistematicamente com vista à sua compreensão e posterior solução.” (GARCÍA:1999, p. 25).

Investigar, portanto, não é papel apenas daqueles professores que lecionam em academias. Investigar é responsabilidade daquele que educa desde uma criança até um adulto em qualquer nível de escolaridade, caso contrário, onde estará a contribuição do professor no processo de ensino? Como ele será capaz de solucionar um problema sem descobrir a sua causa?

Pensando nesses questionamentos nasceu a ideia de produzir este texto “*A importância da investigação qualitativa no processo de formação continuada de professores: subsídios ao exercício da docência,*” com o qual se convida os professores a valorizar e aplicar mais a pesquisa em sua prática docente diária.

A Pesquisa Qualitativa

Sobre o Significado de Pesquisar Qualitativamente

A pesquisa qualitativa tem o especial objetivo de revelar os mistérios que permeiam o cotidiano escolar, identificando processos que, muitas vezes, devido ao fato de se tornarem parte da rotina de uma determinada realidade escolar, passam despercebidos pelos próprios envolvidos na pesquisa.

Diante disso, surge a seguinte questão: o que vem a ser a pesquisa qualitativa?

Em primeiro lugar a pesquisa qualitativa não apresenta preocupação com um grande número de dados, pois não há preocupação em demonstrar resultados para a população. Assim, entendemos que a pesquisa qualitativa tem como principal objetivo interpretar o fenômeno em observação.

Logo, pesquisar qualitativamente é não abrir mão da observação, análise, descrição e compreensão do fenômeno a fim de entender seu significado.

Na pesquisa qualitativa trabalha-se com a indução, pois só é possível construir hipóteses após a observação. Desta forma, entende-se que o pesquisador de nada tem certeza antes de iniciar a pesquisa, o que fará com que ele possa ser influenciado pelos resultados que esta apresentar.

Uma pesquisa qualitativa deverá deixar bem claro em primeiro lugar qual o problema a ser pesquisado, visto que sem uma definição do problema, jamais será possível estabelecer as bases da pesquisa e selecionar um referencial teórico que respalde, fundamente o trabalho em execução.

Após a definição do referencial teórico, é preciso definir a metodologia a ser utilizada, coletar os dados e analisá-los a fim de que se produza um relatório no qual esteja claro se os objetivos foram ou não alcançados.

A Seleção dos Participantes na Pesquisa Qualitativa

Na pesquisa qualitativa, escolhe-se os participantes por analogia, isto é, similaridade. É uma amostragem baseada em critérios.

A amostra é importante porque é a partir dela que o pesquisador chegará a conclusões consistentes em relação à pesquisa realizada. Caso os envolvidos na pesquisa sejam muitos, o melhor é optar pela amostra.

As Técnicas de Recolha dos Dados (Entrevistas, Inquéritos, Estudo de Caso)

A partir do momento em que o pesquisador já definiu qual o tema que deseja trabalhar e já determinou os objetivos a alcançar, é hora de recorrer à forma como serão recolhidos os dados da pesquisa.

É importante nesse momento, primeiramente refletir sobre o que realmente se deseja saber e por qual motivo se precisa da informação. A partir de então, pode-se pensar na metodologia a ser aplicada, ou seja, de que forma os dados serão recolhidos e qual destino terão.

Independente do procedimento de recolha de dados é importante que o método escolhido seja examinado criticamente, a fim de que seja observado até que ponto ele é passível de credibilidade e validade.

É importante destacar que a pesquisa qualitativa, em nenhum momento exclui a quantitativa, logo nenhuma abordagem dependerá exclusivamente de um método.

Há várias técnicas que podem ser utilizadas durante a pesquisa qualitativa, uma delas é a entrevista, a qual é “uma conversa entre um entrevistador e um entrevistado que tem o objetivo de extrair determinada informação do entrevistado.” (Moser e Kalton:1971, p.271).

A entrevista possui várias vantagens em relação a outras técnicas pelo fato de ser adaptável às intenções do entrevistador, ou seja, se o pesquisador for habilidoso, ele poderá explorar campos que o inquérito interrogativo, por exemplo, não seria capaz de fazê-lo.

Através da entrevista é possível explorar uma variedade de ideias. O contato olho a olho com o entrevistado permite entender a tradução dos sentimentos deste por meio do olhar, dos gestos, do tom de voz, enfim, é possível se ter a clarificação das respostas.

É certo que há uma questão a ser considerada: o tempo gasto durante as entrevistas; por isso em muitos casos, opta-se por amostras, uma vez que o tempo de uma entrevista pode demorar.

De qualquer forma, é admissível afirmar que uma entrevista pode coletar uma gama de material plausível e ainda contribuir para consolidar respostas conseguidas em um inquérito.

O inquérito constitui outra técnica que poderá ser empregada na recolha de dados, porém a sua aplicação só será útil quando for realizado um planejamento e uma definição exata daquilo que se pretende obter.

A elaboração de um bom inquérito exige a seleção do tipo de questões, o cuidado na elaboração de perguntas, uma boa apresentação do assunto em questão para posteriormente culminar na distribuição e devolução dos questionários.

O inquiridor deverá deixar claras as questões, a fim de evitar a ambiguidade, a imprecisão e a suposição.

De acordo com Judith Bell (2010), as perguntas mais complexas em um inquérito podem ser feitas através de grelhas, lista, categoria, hierarquia, escala ou quantidade, pois assim muitos problemas e contradições poderão ser evitados. Ela também nos alerta a respeito do cuidado com o tratamento das questões a serem apresentadas ao inquirido.

Outra técnica bastante utilizada é o estudo de caso, o qual se preocupa em fazer uma análise mais aprofundada de um fenômeno desenvolvido em um contexto real, fundamentado em uma multiplicidade de perspectivas.

As múltiplas perspectivas podem surgir de diversos métodos de recolha de dados (tanto qualitativos como quantitativos) ou resultar de múltiplos relatos de atores distintos. Os fenômenos podem ser referentes a pessoas, programas, organizações, projetos, grupos de pessoas ou processos de tomada de decisão. Os estudos de caso são considerados *integrados* quando existe mais do que uma única questão central ou unidade de análise.

Os estudos de caso representam uma interessante técnica no trabalho do pesquisador, pois trazem uma gama importante de informações e ajudam na contribuição de uma compreensão mais aprofundada e detalhada daquilo que se está estudando. Além disso, “Como método de pesquisa, o estudo de caso é usado em muitas situações para contribuir ao nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados.” (Yin: 2015, p.4).

É através dos estudos de caso que se levantará uma série de questões na sua fase de concepção, como: o que pode ser considerado como “caso”? Qual é a base para selecionar os casos? Em que se fundamentam? Quantos são necessários? Que críticas ou análises serão incluídas no caso e como devem os dados ser organizados de modo a permitir que se efetuem analogias expressivas?

Independente da técnica escolhida para o colhimento dos dados, várias perguntas necessitam ser feitas.

Outras técnicas existem como aplicação de questionários e a observação, o que permitirá que o professor-pesquisador tenha ao seu dispor uma variedade de formas de aprofundar e justificar com exatidão e segurança a sua pesquisa.

A Análise de Dados Qualitativos

Independente da forma como os dados foram coletados, eles precisam ser analisados e avaliados cuidadosamente.

A análise dos dados deve ser realizada durante e após a coleta, pois assim se chegará a conclusões mais tangíveis sobre a pesquisa em foco.

É durante a análise que os dados adquirirão um sentido e nesse caso, é preciso ter cuidado com as particularidades, as generalizações e o cuidado com o tratamento das informações.

Levanto novamente esta questão porque na análise, interpretação e apresentação de dados, há que proceder cuidadosamente para não ir além daquilo que os resultados permitem; da mesma forma há que ter atenção para não generalizar com base em dados insuficientes. [...] Quando bem preparados, os estudos de pequena dimensão, podem informar, esclarecer e oferecer uma base para as decisões de política educativa no interior de uma instituição. (Judith: 2010, p.180-181).

É a partir do momento em que os dados são analisados que o professor-pesquisador estará produzindo conhecimento – fator importante quando o assunto é ensino-aprendizagem. O professor precisa construir e aperfeiçoar teorias, porque estas o ajudarão a descobrir o que fazer para que bons resultados surjam em sala de aula e a aprendizagem passe a ser mais significativa.

Bortoni-Ricardo (2011) confirma a reflexão acima quando diz que

O professor-pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática. O que distingue um professor-pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre a própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências. Para isso ele se mantém aberto a novas ideias e estratégias. (p. 46).

A autora tem toda a razão quando ressalta a necessidade de refletir sobre aquilo que se faz, pois analisar a prática é abrir caminhos para o novo, o coerente, o adequado. É entender que o mais importante não é conhecer o certo ou o errado, mas saber adequar o ensino às bases que se tem; é entender que o inadequado também existe, logo, é preciso ajustá-lo aos moldes da sala de aula e ao perfil de seus alunos, o que o tornará apropriado dentro do contexto em que ocorrer.

Após a análise dos fatos, a pesquisa constatará o que pode melhorar, quais os fatores de sucesso ou fracasso de metodologias aplicadas em sala de aula, como e por que está havendo avanço ou retrocesso no processo de ensino, para enfim, se fazer uma síntese consistente de tudo que foi colhido e observado durante o período em que se desenvolveu a pesquisa.

Para Entender os Conceitos de Formação de Professores

Formação de professores é um assunto discutido por vários autores e apresenta, portanto, diferentes visões.

Antes de tudo, é importante que se tenha em mente que o conceito de formação pode variar de um país para outro.

Menze adverte a respeito do conceito de formação em diferentes tendências. Para ele não é possível utilizar o conceito de formação como termo de linguagem técnica em educação pela própria tradição filosófica que o termo apresenta, logo “Devido à sua origem histórica e às implicações metafísicas que lhe são próprias, está tão viciado e tem tantas significações que não só é impossível fazer um uso razoável dele, mas, além disso, quem o utiliza expõe-se à suspeita de ideologia” (1981:267).

Nota-se, assim, que de acordo com este conceito, formação é algo praticamente impossível de ser investigado e sabe-se que não é bem isso que ocorre na prática.

Menze, porém apresenta outro conceito – o da multiplicidade e a esse respeito, formação não se volta especificamente para um campo profissional, mas sim para várias dimensões, como: a sexual, a formação do país, etc.

O terceiro conceito apresentado por Menze (1981) valoriza o social, ou seja, a formação é vista como algo que parte do exterior e pode promover a ampliação de ordem pessoal e social dos sujeitos.

Observa-se, assim que são muitos os conceitos de formação, porém este trabalho apóia-se na ideia de que formação precisa envolver conhecimento e investigação.

A Formação de professores é a área de conhecimento, investigação e de propostas teóricas e práticas que, no âmbito da Didática e da Organização Escolar, estuda os processos através dos quais os professores – em formação ou em exercício – se implicam individualmente ou em equipa, em experiências de aprendizagem através das quais adquirem ou melhoram seus conhecimentos, competências e disposições e que lhes permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem. (Carlos García: 1999 p. 26).

Logo, a qualidade da educação recebida pelos alunos pode servir para avaliar a condição ou condições de formação docente. É o dia a dia quem vai mostrar a intensidade e qualidade da formação recebida.

Formação Profissional e Formação Profissional Contínua

A questão profissional tem assumido imensa importância no cenário dos sistemas de educação e de formação. Entretanto, ainda se percebe em muitos discursos, menções de ordem

negativa, por isso para compreender esta controvérsia, é preciso que ela seja analisada à luz da tradição histórica que marca a relação entre o mundo da educação formal e o mundo do trabalho.

Nos arrebóis da formação dos modernos sistemas escolares dominava a separação entre o mundo da educação formal e o mundo do trabalho. Esta dissociação era entendida pela forma como estavam dispostos os sistemas escolares: de um lado aqueles que poderiam se preparar por longo tempo nos estudos e de outro, aqueles que rapidamente precisariam entrar no mercado de trabalho.

Ainda hoje, muitas pessoas quando se referem à formação profissional pensam, sobretudo, naqueles que não prosseguirão nos estudos em nível superior ou, então nos trabalhadores com baixíssimos níveis de qualificação. Entretanto, as mudanças tanto nos sistemas de educação quanto nos processos de formação, sem falar na própria exigência do mercado, nos permite afirmar que esta é uma visão ultrapassada, se se considerar o papel e as perspectivas do ensino superior no campo da formação profissional.

A formação profissional contínua envolve as mais variadas vertentes e dimensões. É ela a responsável por apresentar novos saberes à prática profissional.

É a formação contínua que promoverá o desenvolvimento pessoal e profissional. Além disso, é melhorando a prática profissional que se alcançará resultados satisfatórios durante o processo de profissionalização.

A formação profissional também permite que novas responsabilidades surjam, uma vez que permitirá o surgimento de novos modelos, processos e práticas.

A formação precisa ser marcada pelo desenvolvimento profissional dos professores, considerando a dimensão individual e coletiva (Nóvoa, 1995). É preciso que tal formação seja analisada de maneira crítica, pois o professor necessita questionar e refletir criticamente sobre a prática; um bom professor sente a necessidade de socializar experiências com o outro, a fim de que assim reconstrua as próprias experiências. Freire (1997) tinha toda razão quando afirmou que “é pensado criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. (p. 44).

Formação Contínua de professores

Quando se fala em formação contínua de professores hoje, fala-se, na verdade de desafios. Desafios, porém, que podem ser superados a partir do momento em que o professor passa a refletir sobre a própria prática. Sendo assim, é importante que o professor encare tais desafios e busque mudanças e é na procura por mudanças que as respostas para muitas questões poderão ser encontradas.

O professor precisa “respeitar as idiossincrasias de seus alunos, despertar a curiosidade, desenvolver a autonomia e estimular o rigor intelectual” (PERRENOUD, 2000, p.68), além disso, é preciso que ele aprenda a lidar com os saberes do passado, porém sem abandonar as inovações, como é o caso das tecnologias.

Entretanto, como assegura Alarcão (1996), para que o professor possa “ser-se reflexivo” é preciso que este deseje e sinta-se atraído por mudança, é necessário buscar a inovação e a autonomia: “Educar para a autonomia implica fazer um ensino reflexivo que, por sua vez, se baseia numa postura reflexiva do próprio professor” (ALARCÃO, 1996, p.172).

A formação contínua deve capitalizar as experiências inovadoras e as redes de trabalho que já existem no sistema educativo português, investindo-as do ponto de vista da sua transformação qualitativa, em vez de instaurar novos dispositivos de controlo e de enquadramento. A formação implica a mudança dos professores e das escolas, o que não é possível sem um investimento positivo das experiências inovadoras que já estão no terreno. Caso contrário, desencadeiam-se fenómenos de resistência pessoal e institucional, e provoca-se a passividade de muitos actores educativos. (Nóvoa: 1995, p.20).

Como afirma Nóvoa (1995) o segredo é a experiência inovadora. O conformismo não se ajusta à mudança educativa. O que interessa nesse contexto é a ação, afinal, para que se forma e para que formar-se? Certamente a intenção do formando não é continuar com velhos paradigmas, nem tampouco dos formadores continuarem apresentando velhos modelos, constatando assim, a passividade do professor em formação.

Implicações do Conceito de Professor-Investigador no Exercício da Profissão e na Formação de Professores

Do Ofício de Aluno ao Ofício de Professor

Os cursos de formação de professores constituem o mais tradicional modelo de formação de que se tem notícia.

É durante a formação que o aprendiz de professor descobrirá se realmente tem ou não vocação para ser professor.

Sabe-se que hoje, muitos são os obstáculos enfrentados no cenário educacional; constantemente ouvem-se histórias desanimadoras, que como afirma Nóvoa (1991) permitem compreender que existe uma crise da profissão docente. Nota-se uma desmotivação pessoal e um número cada vez mais crescente de abandono da profissão. E diante disso, muitos questionamos surgem, como: o que sente o aluno de graduação que um dia também virá a ser um professor? O que faz com que um aluno, prepare-se durante anos para assumir um papel em que muitos não acreditam?

É justamente a confiança de que é possível melhorar a relação professor-aluno na sala de aula e o prestígio que muitos professores têm por acreditarem em mudanças, que instigam um jovem hoje, a assumir seu amor por esta profissão.

Os futuros professores – alunos em formação – são críticos-reflexivos e sabem que a responsabilidade a ser assumida um dia pode fazê-los colher bons frutos, pois como assegurou Nóvoa (1992)

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores um meio de pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas da autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é uma identidade profissional. (p. 25).

Compreende-se, portanto, que quando se une a vida pessoal com a profissional, a formação ganha maior sentido pelo fato de modificar a história de vida do professor e como assevera Nóvoa (1992), não é uma acumulação de cursos ou técnicas que construirá a boa formação, mas sim um trabalho de reflexividade e de (re)construção da própria prática.

A Prática Pedagógica e a Formação de Professores

Praticar, executar aquilo que se aprendeu, contribuir com a educação do outro, são algumas das tarefas a serem cumpridas pelo professor. Tarefas que se aparentam simples, mas que no momento do *feedback* podem parecer complicadas e difíceis.

O que fazer, então para que as aulas fluam de uma forma que seja possível considerar que houve, realmente, um aprendizado significativo?

A formação ocorre no cotidiano, ela se constrói diariamente durante o processo de ensino-aprendizagem. A esse respeito Alarcão nos chama a atenção não apenas para este item, mas também para o fato de que há grande importância na troca de experiências em um processo de formação docente.

(...) uma das finalidades subjacentes à ação é a de proporcionar o confronto entre práticas e experiências diferentes, e os contributos teóricos necessários à reflexão sobre a prática, à releitura da experiência; a de proporcionar as condições para implementar um processo de teorização da prática, que permite ir das “teorias-práticas”, operacionais (o “como”?) às teorias-conceituais”. (p. 21).

Percebe-se, desta forma, que a experiência abre portas e sem ela nunca haveria a complementação teoria x prática, por isso defende-se aqui um reconhecimento para o professor como um intelectual transformador, o qual, acima de tudo, admite que a escola não é um local neutro e, por conseguinte, os professores também não o são, e isso legitima o caráter político do ato pedagógico.

Para Freire (1999), no processo educativo uma das questões fundamentais é a clareza a favor *de quem* e do *quê*, portanto *contra quem* e *contra o quê*, fazemos a educação. O autor acresce expondo que “quanto mais ganhamos esta clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política”. (p. 23).

Em um momento político-social, no qual fica nítida a hegemonia do projeto neoliberal, que traz consequências sérias para a educação, questões de fundo como: “que qualidade de educação se pretende promover?” “Para que tipo de sociedade?”, não podem ser postas de lado quando se fala em formação.

É, portanto, o dever de cada educador, despertar a cidadania nos indivíduos, porque somente assim, será construída a base para a democracia social.

Considerações Finais

De tudo que aqui foi discutido, defende-se, principalmente, a necessidade de luta em defesa da valorização da experiência na formação profissional dos professores. Luta esta que não pode ser considerada apenas como um mero processo de continuidade, em relação à experiência anterior. O que o professor precisa é de uma experiência significativa, pois acima de tudo, ele se completa quando descobre que aprender a aprender com a experiência é um dos maiores ganhos na educação.

O mundo que deve marcar o desenvolvimento docente do professor, na atualidade, é o mundo da reflexão, mas não uma reflexão pela reflexão. Zeichner tinha toda a razão quando afirmava que “O importante é o tipo de reflexão que queremos incentivar nos nossos programas de formação de professores, entre nós, entre nós e os nossos estudantes e entre os estudantes” (1993, p. 50). Aqui está um dos segredos para se alcançar satisfação no ato de ensinar. O importante é se adaptar e adaptar o que é possível ajustar.

A pesquisa qualitativa, indubitavelmente, traz contribuições à prática docente, pois permite ao professor conhecer melhor o público com o qual trabalha ou trabalhará, o que certamente refletirá na qualidade do ensino porque pode promover “a co-construção pelos aprendentes de sua jornada de aprendizagem implícita a transformação do ofício de professor enquanto ensinante, mas sobretudo a sua transformação como aprendente.” (Formosinho: 2014, p.23).

Sem pesquisa não se conhece o ambiente nem tão pouco as pessoas envolvidas no trabalho de investigação, por isso é fundamental conhecer as bases para se chegar aos fins. Além disso, observar os diferentes contextos, a fim de aplicar a metodologia correta em cada um, faz parte das obrigações de um professor que valoriza a sua prática.

Espera-se que o tema em pauta possa promover outros debates e que novas ideias se disseminem e se firmem como promotoras da reflexão que se faz necessária em cenário mundial, no que tange à importância da pesquisa qualitativa para a formação e para as relações sociais no cotidiano.

Com a estimulação à pesquisa, há maior possibilidade de o professor ser um formador crítico, questionador, que não se apega a teorias prontas e as segue sem conhecimento de causa.

O professor pesquisador cria rotas, examina-as, procura o novo e não se obriga a crer na impossibilidade frente a qualquer questão passível de resolução.

Este artigo não se encerra aqui. Na realidade ele apenas constitui o início de uma reflexão. Reflexão que poderá trazer como consequência ação e isso é fundamental, pois é justo considerar que não é possível pensar em uma escola comprometida com a educação para a cidadania ignorando o poder de ação do professor como intelectual. Todo educador precisa fazer uso das bases de pesquisa que estão ao seu alcance.

Referências

ALARCÃO, Isabel. *Formar-se para formar* – Revista da Escola Superior de Educação de Portalegre, n° 15, 1993.

_____. *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Editora Porto, 1996.

BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador* – introdução à pesquisa qualitativa, São Paulo: Parábola, 2011.

CARLOS, M. G. *Formação de Professores para uma Mudança Educativa*, Porto: Editora Porto, 1999.

FORMOSINHO, J; MACHADO, J e MESQUITA, E. *Luzes e Sombras da Formação Contínua. Entre a conformação e a transformação*. Ramada: Edições Pedagogo, 2014.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1999.

JUDITH, B. *Como realizar um projecto de investigação*, Lisboa: Gradiva, 2010.

MOSER, C. A., e KALTON, G. *Survey Methods in Social Investigation*, 2ª Ed., Londres: Heinemann, 1971.

Revista Fundamentos, V.2, n.1, 2015. Revista do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Piauí. ISSN 2317-2754

MENZE, C. Formación. In J. Speck et al. (eds.), *Conceptos Fundamentales de pedagogía*. Barcelona: Herder, 1981.

NÓVOA, Antonio. *Profissão Professor – Coleção ciências da Educação*. Porto: Editora Porto, 1991.

_____ *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____ *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PERRENOUD, P. *Novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

YIN, R. *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZEICHNER, K. *A formação reflexiva de professores: Ideias e práticas*. Lisboa: Educa, 1993.